

PESQUISAR, OBSERVAR, PARTICIPAR E INTERVIR EM EDUCAÇÃO: METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

RESEARCH, OBSERVE, PARTICIPATE AND INTERVENE ON EDUCATION: PARTICIPATORY METHODOLOGIES IN UNIVERSITY EXTENSION

Gabriel de Souza ¹  <https://orcid.org/0000-0002-2203-3351>

Gabriela Gomes Makewitz ²  <https://orcid.org/0000-0001-9557-3837>

Dinora Tereza Zucchetti ³  <https://orcid.org/0000-0002-7122-1025>

Resumo

O estudo endereça as vivências na extensão universitária segundo as metodologias participativas. Para isso, por meio da reflexão da prática de investigação em educação por mestrandos extensionistas, buscou-se estabelecer interfaces entre a pesquisa social científica, a participação e a interdisciplinaridade. Trata-se de uma investigação que ocorreu no grupo de pesquisa Estudos, pesquisas e práticas em Educação não Escolar na perspectiva da Educação Integral, junto ao projeto de extensão integrado Centro de Educação em Direitos Humanos. Neste viés, adotou-se como objetivo problematizar as metodologias participativas e discutir a relação da pesquisa-ação e da observação-participante como metodologias na extensão universitária. Assim, apoiou-se em uma revisão narrativa da literatura e nas experiências do trabalho de campo, caracterizando o estudo como uma pesquisa empírica orientada metodologicamente pela triangulação. Verifica-se que a centralização dos aspectos vivências na pesquisa de campo favorece a participação dos atores envolvidos. Evidencia-se que as metodologias participativas tornam possível a transformação social democrática na produção de conhecimento, como compromisso ético da extensão universitária.

Palavras-chave: Pesquisa participante; Metodologia qualitativa; Pesquisa de Campo; Interdisciplinar.

¹ Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo (RS) gsouza1596@gmail.com

² Doutoranda em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale, Novo Hamburgo (RS) gabriela.gomes.dias99@gmail.com
Pesquisadora no Centro Interdisciplinar de Educação Social e Socioeducação (CIESS) dizucchetti@gmail.com

Abstract

This study addresses experiences in university outreach through the lens of participatory methodologies. By reflecting on the educational research practices of master's students engaged in outreach, it seeks to establish interfaces between scientific social research, participation, and interdisciplinarity. The investigation was conducted within the research group Estudos, pesquisas e práticas em Educação não Escolar na perspectiva da Educação Integral, in conjunction with the integrated outreach project integrado Centro de Educação em Direitos Humanos. The objective is to problematize participatory methodologies and discuss the relationship between action research and participant observation as methodological frameworks within university outreach. Methodologically, the study is supported by a narrative literature review and fieldwork experiences, characterizing it as empirical research guided by triangulation. The findings indicate that centering experiential aspects in fieldwork fosters the engagement of the actors involved. Furthermore, it is evident that participatory methodologies enable democratic social transformation in the production of knowledge, fulfilling the ethical commitment of university outreach.

Keywords: Participatory research; Qualitative methodology; Field Research; Interdisciplinary.

Introdução

Conduzir pesquisa pelos caminhos da experiência vivida é uma prerrogativa tradicionalmente filosófica que, desde o século XX, passou a ser antropológica. Assim, novas epistememes incorporadas às Ciências Humanas e Sociais buscam transpor as contradições da “[...] lógica tecnocrática-acadêmica” (Gabarrón; Landa, 2006, p. 97). Nesse sentido, outros horizontes teóricos-metodológicos se estabeleceram em pesquisas interventivas de abordagem participativa (Peruzzo, 2017; Pereira, 2025).

Dessa forma, investigações multi e interdisciplinares nessa grande área têm mobilizado tradições teóricas e modos de fazer pesquisa qualitativa que centralizam as vivências (Greenwood, 2000; Morais *et al.*, 2024). Como defende Frigotto (2010), a interdisciplinaridade é uma convocação das Ciências Sociais e da Educação para reconhecer a complexidade e parcialidade no caráter humano do conhecimento, bem como a produção e reprodução do sujeito social por meio dos saberes. Essa mudança endereça a problematização do paradigma racionalista-positivista nas Ciências Humanas, em busca de transformá-lo.

Tematiza-se, portanto, a pesquisa qualitativa de campo no contexto da extensão universitária. Assim, toma-se como objeto da investigação o trabalho na extensão de dois bolsistas CAPES no programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, autores deste texto. Parte-se do objetivo de problematizar a pesquisa-ação e a observação-participante como metodologias na extensão universitária.

Na discussão integram-se as vivências em um projeto de extensão, pesquisa e ensino que tem como objetivo promover experiências integradas que buscam a efetivação dos direitos individuais e coletivos de sujeitos vulnerabilizados socialmente e à construção de uma cultura de paz, por meio da educação em Direitos Humanos. Logo, indaga-se como compreender as vivências na extensão segundo metodologias participativas. A hipótese elaborada indica que métodos de pesquisa participante qualificam as experiências na extensão.

Os esforços dos pesquisadores representam a soma de pesquisas oriundas do projeto Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDUCA DH). O empreendimento dedica-se à participação de atores sociais na pesquisa desde a discussão da problemática até o processo de atuação sobre a realidade social (Brandão, 2006). Portanto, justifica-se a proposta em função do impacto social que as vivências na extensão promovem nas comunidades regionais e no cenário de uma Instituição de Ensino Superior comunitária. Enfocam-se dois métodos da pesquisa científica, a saber: a pesquisa-ação e a observação participante.

Trata-se de um empreendimento interdisciplinar uma vez que corrobora para compreensão da realidade social a partir de diferentes áreas do conhecimento em interação. Sendo assim, incorpora-se a intersecção dos conhecimentos dos campos da Sociologia, Antropologia e Educação. Metodologicamente, a investigação foi orientada por dois eixos: o primeiro eixo desenvolve uma revisão bibliográfica narrativa acerca da centralidade das vivências na pesquisa participativa, enquanto o segundo apresenta dois percursos empíricos na pesquisa de campo.

Compõe-se a discussão da temática e desenvolvimento dos objetivos em três partes. Inicialmente, discute-se a relação teórico-prática de metodologias qualitativas e de campo na pesquisa-ação. Em seguida, na segunda seção, trata-se do campo e dos elementos constitutivos da observação participante. Há, na terceira parte, um esforço em integrar os métodos participantes no sentido da apreensão de vivências, destacando convergências e divergências entre ambos. Na quarta seção, problematiza-se as vivências do contexto extensionista. Nesse sentido, aproxima-se de dois campos de pesquisa na região metropolitana de Porto Alegre associados ao projeto CEDUCA DH.

1 - Percorso metodológico

Este estudo caracteriza-se como qualitativo de natureza básica e aplicada. No que se refere aos seus objetivos, diz respeito a uma pesquisa exploratória, que, segundo os moldes de Prodanov e Freitas (2013), compreende uma pesquisa em fase inicial e possui como propósito reunir novas informações e hipóteses sobre determinado tema, sobretudo, por meio de pesquisas bibliográficas.

Quanto aos procedimentos, o estudo ficou definido como uma pesquisa bibliográfica com revisão narrativa. Para Prodanov e Freitas (2013, p. 54), o estudo bibliográfico é realizado a partir de materiais já publicados, principalmente “[...] livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa”.

No que diz respeito à revisão narrativa, Rother (2007) compreende esta metodologia como contribuinte para a reflexão de determinados assuntos e suas atualizações em curtos espaços de tempo. Nesse viés, as revisões narrativas são utilizadas para a construção e/ou discussão do estado da arte das temáticas escolhidas para a pesquisa. Neste estudo, utilizou-se artigos científicos e capítulos de livros produzidos entre 2000 e 2024.

No que tange a metodologia, apoiou-se na técnica de triangulação de Triviños (1987), que corresponde a integração do trabalho de campo e da discussão teórica. Desse modo, a análise se deu por meio da reflexão do material coletado em caderno de campo e do objetivo proposto para este artigo, bem como da sua relação com o recorte temático.

A investigação se orientou pelos princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas com a mediação dos riscos e ciência dos envolvidos. Dessa maneira, conforme a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantiu-se o anonimato dos participantes e uso de consentimento livre e esclarecido, para os responsáveis, bem como assentimento das crianças e jovens¹.

2 - Pesquisa-ação e observação participante: conceituação e método

Esta seção discute as definições centrais das metodologias participativas levantadas com interesse em estabelecer relações entre ambas. Desenvolve-se uma revisão narrativa da literatura para compreensão dos modos de fazer pesquisa qualitativa segundo a pesquisa-ação e observação participante como métodos.

Com base na conceituação das formas de fazer pesquisa social participativa nas subseções seguintes, emprega-se uma revisão de literatura narrativa a partir de textos escritos em língua portuguesa dos últimos dez anos. Assim, elenca-se, principalmente, a partir de autorias latino-americanas, a participação na perspectiva das vivências. Inicia-se a discussão pela pesquisa-ação e, em seguida, trata-se da observação participante, por fim triangulam-se os achados relevantes entre os métodos.

2.1 - Tradição epistemológica da pesquisa-ação: modos de participar

A pesquisa-ação é um dos métodos de pesquisa social participativa e engajada. Tal metodologia valida-se pela capacidade de explicação, de aplicação e de implicação em problemáticas (Thiollent, 2022). A escolha dessa metodologia ganha força pela noção ética de engajamento, já que se incorpora como pesquisa engajada: “[...] a atividade investigativa se integra e deriva seu propósito específico pela ação orientada concreta e manifesta com vistas à ação política” (Gabarrón; Landa, 2006, p. 106). Além disso, o engajamento revela a intenção de desenvolver a pesquisa-ação no sentido das coletividades e das solidariedades (Thiollent, 2022).

Ao recuperar as práticas de Educação Popular na América Latina, no limiar do conhecimento acadêmico, entende-se a pesquisa participante como método interdisciplinar (Greenwood, 2000; Brandão, 2006; Cladera, 2020), e que “trata-se de conhecer para agir, de agir para transformar [...]” (Thiollent, 2022, p. 106). Brandão (2006), destaca que essa metodologia de pesquisa, é igualmente reconhecida no campo da Sociologia, desde as décadas de 1960 e 1970, a partir de autores como Orlando Fals Borda que enfoca o caráter aplicado da produção de conhecimento científico. Dessa forma, esse modo de fazer pesquisa qualitativa orientado por uma epistemologia crítica ganhou diferentes nomes na tradição latino-americana, que, semelhantes em maior ou menor medida, destacam a modalidade participante e interventiva da ciência (Brandão, 2006).

Logo, desde o processo de redemocratização no Brasil, de acordo com Thiollent (2011), torna-se possível inventariar trajetórias, conhecimentos, memórias e experiências por meio da pesquisa-ação. Brandão (2006) menciona um conjunto latino-americano não homogêneo de pioneiros - dentre eles,

1 Ambas as pesquisas foram aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob os pareceres: 7.427.361/2025 e 7.110.466/2024.

Paulo Freire no Brasil - que atuaram a partir dos fundamentos da pesquisa participante no contexto da Educação Popular. Por isso, entende-se que essa metodologia não estava confinada no ambiente acadêmico, constituindo movimentos sociais na América Latina (Greenwood, 2000; Brandão, 2006).

Nesse contexto de pluralidades teórico-interventivas, utiliza-se, com fins de contorno epistêmico-metodológico, a pesquisa-ação para discussão desse artigo, em detrimento de outras explorações participantes da teoria crítica latino-americana como a investigação ação participativa, pesquisa temática, pesquisa popular, pesquisa militante, que revelam autorias e arcabouços teóricos mais ou menos distintos entre modalidades aplicadas e empíricas (Brandão, 2006). Por conseguinte, vale destacar que Thiollent (2011, 2022), Brandão (2006), bem como Gabarrón e Landa (2006) são os correspondentes centrais da pesquisa-ação neste trabalho. O foco dessa metodologia qualitativa, portanto, “são ações significativas para os atores em situação, com suas próprias formas de expressão e linguagem. [...] Além disso, são ações portadores de aprendizagem e de conhecimento mútuo, com interações entre observadores e observados” (Thiollent; Oliveira, 2016, p. 358).

Thiollent (2011) argumenta que a pesquisa-ação se relaciona historicamente com a extensão universitária no Brasil e, em função da predita relação com a Educação e a Sociologia, trata-se de uma concepção teórico-metodológica fundamental nesse contexto. De natureza empírica, *a priori*, a pesquisa-ação se dedica às coletividades com ênfase nas interações sociopolíticas, uma vez que “[...] pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação” (Thiollent, 2022, p. 25).

Além disso, a escuta dos atores sociais é a função fundamental do pesquisador, já que tais agentes no campo são tomados como participantes ou colaboradores (Thiollent, 2022). Portanto, a ação de escutar desenvolve-se no processo de intercomunicação entre pesquisador e participantes (Thiollent, 2022). Tal investigação empírica surge do empenho sobre “[...] métodos e técnicas que permitam conhecer transformando” (Gabarrón; Landa, 2006, p. 98).

O método de pesquisa, em concordância com Thiollent (2022), prevê: a fase exploratória, o campo de observação, o planejamento da ação, a intervenção e a devolutiva. A fase exploratória caracteriza a etapa inicial da pesquisa-ação e é a fase de prospecção do trabalho de campo, do reconhecimento do local de pesquisa, do estabelecimento dos primeiros contatos com interlocutores e participantes, do levantamento do tema e das problemáticas, de acordo com os participantes, que emergem da interação e aprendizagem inicial (Thiollent, 2022).

Desse modo, a construção de saberes na aprendizagem colaborativa é fator indispensável no cerne da pesquisa-ação, por isso, a ação educacional vai tomar forma por meio do plano de ação (Thiollent, 2022). Assim, caracterizam o plano de ação: questionar atores e atrizes envolvidos, a relação entre agentes sociais e instituições, as metas da ação, os critérios avaliativos, a participação direta e ativa dos sujeitos, o desenvolvimento do processo (Thiollent, 2022).

As noções de consenso e deliberação dentro do grupo são constitutivas do encaminhamento da pesquisa-ação, tais elementos orientam o próprio fazer da ação educacional (Thiollent, 2022). O autor entende que

[...] a concepção das atividades pedagógicas e educacionais não é vista como transmissão ou aplicação de informação. Tal concepção possui uma dimensão conscientizadora. Na investigação associado ao processo de reconstrução, elementos de tomada de consciência são levados em consideração nas próprias situações investigadas [...] (Thiollent, 2022, p. 85).

De acordo com Thiollent (2022), iniciar os participantes na pesquisa, a partir do aprendizado coletivo, é um caminho para estimular as aprendizagens na exploração da realidade local e na discussão de uma temática com relevância social. Ainda conforme Thiollent (2022), a pesquisa-ação é uma estratégia que envolve técnicas variadas, com as quais o pesquisador social trabalha dialogicamente com um coletivo que participa na produção dos resultados. Conseqüentemente, os processos de captação e de apresentação dos resultados envolvem “na parte ‘informativa’ da investigação, técnicas didáticas e técnicas de divulgação ou de comunicação, inclusive audiovisual, também fazem parte dos recursos mobilizados para o desenvolvimento da pesquisa-ação” (Thiollent, 2022, p. 33).

No que diz respeito ao processo do trabalho de campo, entende-se que a etapa de ação educacional é voltada a aprender e a conhecer a realidade local (Thiollent, 2022). O autor reforça: “As transformações intencionalmente definidas não se traduzem apenas no nível das consciências individual ou coletiva. Há também aprendizagem de saber fazer e aquisição de novas habilidades” (Thiollent, 2022, p. 110). Logo, a validação dos procedimentos e dos resultados é uma etapa indispensável à pesquisa-ação (Thiollent, 2022), além de ser um componente ético na pesquisa social.

Nesse sentido, as experiências vividas são centrais na pesquisa participante, como no método da pesquisa-ação pela compreensão da

[...] realidade social vivida pelas pessoas numa relação dialética, vistas à conscientização popular e à participação. Incorpora-se gradualmente a comunidade dentro do processo de pesquisa dirigido para a mudança e se converte seus membros em participantes da transformação (Gabarrón; Landa, 2006, p. 109).

A pesquisa participante enreda-se nas vivências na medida em que em seu fazer se dá pela problematização coletiva do real, reflexão partilhada e ação mediada na e pela vida, de modo a “[...] colocar o conhecimento a serviço dos interesses populares para a transformação da sociedade em geral” (Gabarrón; Landa, 2006, p. 107).

Nessa lógica, a intervenção junto a ação extensionista ganha sentido partilhado no ensino e na produção de conhecimento. Assim, a transformação social orienta os processos de intervenção nos contextos da extensão. A pesquisa-ação, conforme Gabarrón e Landa (2006), partilha sua raiz epistemológica com a sociologia e antropologia-ação. Logo, diferentes paradigmas científicos são mobilizados e refletem a natureza interdisciplinar da pesquisa participante, dentre eles pode-se discutir a etnometodologia (Gabarrón; Landa, 2006), a partir da qual se discute a observação participante.

2.2 - Investigar com observação participante: prática e campo

A observação participante é considerada por alguns autores como uma técnica de instrumento de pesquisa e por outros como a própria metodologia. Sobretudo, está intrinsecamente ligada à pesquisa qualitativa e a pesquisa antropológica (Minayo, 2013; Fernandes; Moreira, 2013). O processo da observação participante pressupõe a convivência próxima entre pesquisador e grupo pesquisado, relação que objetiva a compreensão de uma completude da realidade vivida (Martins, 1996).

A constituição de aprendizagens no universo de pesquisa é elaborada na experiência etnográfica pela observação participante (Eckert; Rocha, 2008). Nesse viés, a prática da observação participante é um processo que adentra o cotidiano dos participantes, esses que carregam diferentes significações e subjetividades por meio das vivências individuais (Martins, 1996). Neste ponto de vista, destaca-se o compromisso de fazer pesquisa e ciência por meio das pesquisas qualitativas, as quais colocam em

discussão e tornam visíveis diferentes lutas por intermédio de uma escuta sensível crítica, que trabalha pela perspectiva da valorização dos diferentes saberes (Brandão, 1984).

A partir da vasta experiência da atuação das antropólogas Rocha e Eckert (2013), compreende-se que:

O método etnográfico se afirma como instrumento epistemológico coerente para construir as tramas e redes de relações nas quais transparecem as ações [humanas] [...] e para conhecer a maneira, ao mesmo tempo individual e coletiva, de [...] pensarem, interpretarem e exprimirem as continuidades e descontinuidades de um tempo vivido, reelaboradas e ressemantizadas no presente, tanto quanto suas aspirações e projetos de vida, sem perder de vista as circunstâncias históricas em que emergem essas categorias e conceitos (Rocha; Eckert, 2013, p. 118).

No sentido de explorar os procedimentos à configuração desta metodologia, Silva (2009, p. 185) orienta que o fazer etnográfico se assemelha a uma viagem, tal qual um descolamento, já que a “[...] atividade do etnógrafo, sua circulação no campo, sua observação do campo e sua versão do que aconteceu ali e seus significados. Andar, ver e escrever, [são] três fluxos que se encontram dinamicamente inter-relacionados, a exercerem e sofrerem influências recíprocas”.

Da mesma forma, a observação participante na etnografia está colocada como fazer na interatividade e intersubjetividade (Neto, 2013). Para Martins (1996), a observação participante diz respeito a ação de fazer parte, premissa esta que coloca em igual importância, no processo de pesquisa, o pesquisador e os indivíduos do grupo pesquisado: “Os pesquisadores são levados a compartilhar os papéis e os hábitos dos grupos observados para estarem em condição de observar fatos, situações e comportamentos que não ocorreriam ou que seriam alterados na presença de estranhos” (Martins, 1996, p. 270).

Assim posto, Minayo (2013) define o modo de fazer pesquisa em que se assume a posição de observador, em interação com os participantes e seu contexto, e participante da vida social para compreensão da problemática investigada. Para a autora, “[...] o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente” (Minayo, 2013, p. 70).

Para Whyte (2005), a observação participante possibilita que a pesquisa se desenvolva por meio do aprofundamento no contexto vivido que, segundo Haguette (2005, p. 67), se resume a “[...] ver o mundo com os olhos dos pesquisados”. Nessa relação, que deve ser construída de forma horizontal, a prática da observação não se resume apenas a uma coleta de dados de uma pesquisa científica, mas de uma prática educativa construída em conjunto.

A observação, todavia, revela sua condição simultaneamente ativa e experiencial, segundo a qual “O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação de face a face com os observados. [...] ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto” (Neto, 2013, p. 59).

Por isso, ao deslocar-se no campo de pesquisa, coletaram-se vestígios da observação-participativa no campo, o que delineou o universo de pesquisa, os campos e os agentes que interagem, pois “a tensão básica, no entanto, estará sendo produzida pelo desconhecimento, pela dúvida, pelo empenho em descobrir e saber” (Silva, 2009, p. 180). Nesse sentido, o deslocamento proposto pela observação participante – de andar, de ver e de escrever (Silva, 2009) – ocorre na interlocução direta na relação desenvolvida no campo de pesquisa.

Andar, ver e escrever são ações que acompanharão os caminhos da pesquisa na coleta de dados e na captação dos sentidos inscritos nas vivências (Silva, 2009). No que diz respeito ao processo da ob-

servação participante, Leininger (1995) compreende como partes fundamentais desta prática observar, detalhar, descrever, documentar e analisar; sendo assim, concorda com o que afirma Batista Correia (2009) quanto ao período prolongado e longitudinal de que carece essa perspectiva metodológica.

Dessa forma, o trabalho de campo baseado na experiência etnográfica toma “suas observações em consideração na apreensão de interpretações construídas pelos informantes a respeito das relações vividas. Valorizam-se as falas de sujeitos diversos que se transformam em personagens fundamentais no processo do trabalho de campo” (Rocha; Eckert, 2013, p. 124).

A pesquisa de campo, baseada na observação participante, implica orientar-se pelas vivências relatadas que revelam, ao sujeito e pesquisador, valores e sociabilidades; bem como atuam sobre as redes complexas de interação e negociação da vida vivida por meio de experiências individuais e grupais (Rocha; Eckert, 2013). Assim, são seguidas as vivências por meio da natureza intersubjetiva do ferramental antropológico.

Tais características marcam a dimensão dialógica no processo de pesquisa. Nessa direção, os dados empíricos orientam o desenvolvimento do trabalho de campo, que “impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade se apresenta” (Rocha; Eckert, 2008, p. 2). Sendo assim, busca-se a elaboração de uma metodologia interseccionada, que enfrente os limites teórico-metodológicos explorados e os limites práticos da pesquisa entre a pesquisa-ação e observação participante.

2.3 - Pesquisa-ação e observação participante: confluências na pesquisa participativa

A observação participante combina outros procedimentos, como entrevistas e análises documentais a partir da posição vantajosa de quem processualmente passa a ser parte do grupo e, por isso, torna-se participante ativo no convívio social, sem abandonar seu caráter de pesquisador (Neto, 2013). Em consequência, a pesquisa-ação valoriza o conhecimento intermediário entre agentes e estruturas, bem como entre pesquisador e participantes, ambos empenhados nos problemas reais (Thiollent, 2022). Contudo, as duas metodologias dedicam-se à compreensão dos fenômenos sociais em oposição aos paradigmas objetivo-instrumentais em ciência, como observado por Morais *et al.* (2024).

Há, portanto, incidência de metodologias qualitativas sob a complexidade das relações sociais (Morais *et al.*, 2024). A partir da convergência da pesquisa-ação com a observação participante - em especial pela interação e participação - busca-se um procedimento metodológico interseccionado entre ambas, disposto a dialogar em suas fronteiras permeáveis. Mais que se atentar à “[...] relação mútua, pensando que a primeira nos ensina como ‘ir a campo’, e a segunda nos ensina a trabalhar com a demanda que surge neste trabalho de campo” (Neves, 2006, p. 2), busca-se combinar as duas metodologias ao longo do processo de pesquisa.

Em função das similitudes, entende-se as investigações científicas de abordagem participativa, segundo reflexão de Brandão (2006), como uma

[...] possibilidade de transformação de saberes, de sensibilidades e de motivações populares em nome da transformação da sociedade desigual, excludente e redigida por princípios e valores do mercado de bens e de capitais, em nome da humanização da vida social, que os conhecimentos de uma pesquisa participante devem ser produzidos, lidos e integrados como uma forma alternativa emancipatória de saber popular (Brandão, 2006, p. 37).

Uma vez que são abordagens que favorecem a produção compartilhada e colaborativa de conhecimento, o autor questiona os sentidos da participação. Brandão (2006) advoga pelo interlocutor no centro da observação participante, que contribui indiretamente para compreensão das vivências, porém assume que o processo compartilhado de produção de saber integra uma ação social protagonizada pelo participante. Isso é, a observação participante é prerrogativa imprescindível para a condução de um percurso metodológico em pesquisa participante.

Certamente, as vivências são o denominador comum e indispensáveis em ambas as metodologias (Neves, 2006; Peruzzo, 2017), posicionadas em epistemologias distintas ou em tradições teórico-metodológicas convergentes. As vivências podem ser traduzidas sob o signo da experiência, já que a interação e apreensão da realidade social orientam-se pela

[...] experiência [que] sempre é constituída por ações, isto é, por coisas que fazemos, mas também por nossas percepções. É constituída também por sensações, emoções e interpretações das pessoas que vivem essas experiências, seus sujeitos, isto é, em uma experiência não há somente fatos e coisas que passam, mas há também pessoas que sentem, vivem e que fazem coisas (Holliday, 2006, p. 230).

Sendo assim, a opção pela abordagem participativa e pela pesquisa-ação concentra-se na prerrogativa de Holliday (2006), a qual não há possibilidade de sistematização das vivências realizadas fora da experiência do sujeito. Ou seja, quem vive as experiências carrega uma singularidade, mediada por outros, mas integralmente distante, já que a interpretação dos fenômenos individuais e grupais se orienta pela tomada de consciência dos sujeitos sociais. De maneira oposta, como apontam Greenwood (2000) e Peruzzo (2017), a observação participante implica em viver junto a um grupo social e integrar-se com a vida deste em um determinado território. Assim, é necessário aproximar-se das experiências dos interlocutores e munir-se do esforço de vivenciar o familiar na condição de estrangeiro (Peruzzo, 2017).

A interação das vivências, portanto, é elemento central na pesquisa social e participativa, já que se trata de “[...] um movimento que reflete a vida e gera vida. [...]. No processo de pesquisa, tanto o conhecimento da experiência quanto o conhecimento elaborado são transformados” (Streck, 2006, p. 274). Nessa direção, a pesquisa-ação e observação participante disputam um território comum, no qual a vivência é um aspecto central já que se trata do objeto do conhecimento e da forma de abordagem do contexto de ambas.

A interlocução na vivência participante-pesquisador é partilhada entre as metodologias (Neves, 2006; Peruzzo, 2017), em especial quando se reflete sobre a posição dialógica do pesquisador social como participante (Zuany *et al.*, 2018), encarregado de aprender no grupo, por meio da interculturalidade. Dito isso, Thiollent (2006, p. 160) destaca que “o diálogo intercultural com os membros externos, cria, durante a realização do projeto, um espaço de interlocução, onde se produzem efeitos de compreensão, de ‘tradução’, [...] todos os participantes aprendem em contato com os outros”.

De igual forma, ambas tomam a participação como meio de desenvolvimento da pesquisa empírica, no entanto, a modalidade da dimensão participativa se compõe como ponto de inflexão entre pesquisa-ação e observação participante. Morais *et al.* (2024) defendem que há diferentes procedimentos referentes à participação no contexto dessas metodologias.

Por isso, uma das características distintivas das metodologias participativas marca que “a pesquisa-ação é realizada em um espaço de interlocução onde os atores implicados participam na resolução dos problemas, com conhecimentos diferenciados propondo soluções e aprendendo na ação”

(Thiollent, 2006, p. 157). Se a participação colaborativa na produção de conhecimento é fundamental, as posições de observador e participante são, igualmente, desestabilizadas em função do agir à mudança social (Greenwood, 2000; Peruzzo, 2017).

A observação participante, em um paradigma positivista, dedica-se a primeira atividade com enfoque interpretativo em detrimento da caracterização participativa, e pode assumir formas múltiplas no trabalho de campo (Greenwood, 2000; Zuany *et al.*, 2018; Cladera, 2020). Sob a perspectiva de Cladera (2020), a distinção se dá pela seguinte configuração:

Quando o método etnográfico se refere à participação, ele alude ao esforço ou movimento do pesquisador em se envolver nas atividades cotidianas dos “outros”, dos sujeitos do campo social em análise. Quando a investigação ação participativa menciona a ideia de participação, refere-se ao esforço do pesquisador em envolver sujeitos do campo social no processo de pesquisa (Cladera, 2020, p. 6).

Sendo assim, a participação dos interlocutores ou participação direta do pesquisador junto aos informantes na pesquisa é o aspecto divergente entre as modalidades de pesquisa participativa, justamente por indicar a intencionalidade da produção do conhecimento (Peruzzo, 2017; Zuany *et al.*, 2018). Destaca-se, sobretudo, a manutenção ou transformação epistemológica do objeto em sujeito da pesquisa no processo participativo (Brandão, 2006; Peruzzo, 2017; Zuany *et al.*, 2018). De tal modo, revela-se uma epistemologia dialética na pesquisa participante que posiciona os agentes em status recíproco (Cladera, 2020).

Em consonância com Cladera (2020), tornar a epistemologia da observação permeável à pesquisa-ação implica em uma vivência recíproca, como resposta às disposições materiais do vivido. A interação converte-se como aspecto central das vivências intencionais do pesquisador, enquanto as incompletudes da vida, as experiências e vulnerabilidades tornam-se as inquietudes dos sujeitos sociais; conforme Cladera (2020, p. 15): “[...] observar as incompletudes, participar em seu enfrentamento, objetivar as configurações de sentido prático e da vida cotidiana local”.

Nessa direção, pode-se argumentar pela centralidade das vivências assumidas pelos sujeitos engajados na pesquisa, que as vivências são tomadas não somente como experiência vivida, mas operam como saber sistematizado capaz de “simultaneamente contribuir para que o grupo investigado se empodere dos resultados em termos de autoconhecimento e aplicação [...]” (Peruzzo, 2017, p. 180) na realidade social do grupo em pesquisa.

Ainda no interior da pesquisa-ação, destaca-se a democratização das relações sociais como forma de produzir o saber coletivo e interessado, mesmo quando em interface com a observação participante (Greenwood, 2000). Desse modo, a problematização de metodologias participantes, e, portanto, participativas, pode tensionar os pressupostos teóricos de diferentes métodos de pesquisa qualitativa (Greenwood, 2000; Peruzzo, 2017). Assim, a participação mediada ou direta dos interlocutores, a relação de colaboração para produção do conhecimento e a intervenção empenhada na devolutiva que transforma a realidade, podem ser evocadas na observação participante, bem como em outros modos de fazer pesquisa.

Greenwood (2000), Neves (2006), Santos (2023) e Pereira (2025) argumentam em ir além com o uso da pesquisa-ação por meio de seus esforços em enunciar a vida coletiva e articular as vivências como força motriz da pesquisa, com incursão na participação. Seguindo percursos metodológicos não hegemônicos, encontra-se formas de fazer pesquisa que incutem essa prerrogativa à observação participante, como: a participação observante indicada por Peruzzo (2017); a etnografia orientada à transformação

de Zuany *et al.* (2018); a antropologia ativista/militante inventariada em Cladera (2020); as etnografias colaborativas, coletivas e as técnicas de participação radical, citadas por Parody (2002). Ou, ainda, interseccionam ambas em favor da pesquisa de campo, como se justifica nas investigações interdisciplinares.

Conforme a proposta de Zuany *et al.* (2018, p. 15) concebe-se “um caminho intermediário na qual conservamos certas idiossincrasias da etnografia que considero vantajosa: sua qualidade exploratória, dialógica, desencadeadora de processos de aprendizagem e aprendizagem mútua”. Por outro lado, quando a ênfase recai sobre o aspecto interventivo da participação, orienta-se pela acepção de Pereira (2025, p. 14), em que “[...] a pesquisa participante é, ao mesmo tempo, um tipo de investigação que requer a presença do pesquisador convivendo com os seus participantes, como um processo político de emancipação efetiva dos participantes, e tudo isso com eles e não para eles”. Ambas as metodologias mencionadas se valem da combinação, e, principalmente, do intercâmbio de epistemologias e metodologias qualitativas de campos disciplinares distintos.

Para Berraquero-Díaz, Maya-Rodríguez e Reyes (2016) trata-se de um esforço iniciado em etnografias colaborativas para reposicionar a complexidade, bem como retomar o diálogo crítico e mútuo com sujeitos inscritos tradicionalmente na posição de objetos. Portanto, a etnografia crítica de ação participativa apresenta-se como um potente procedimento metodológico e como um processo de experiências que integra e sintetiza a pesquisa-ação e a etnografia, o que reforça a vinculação com o campo social (Yáñez, 2023).

A implicação da intersecção entre participação, colaboração e relação ativa na produção e aplicação do conhecimento, representa uma mudança epistemológica para a observação participante, como etnometodologia (Berraquero-Díaz; Maya-Rodríguez; Reyes, 2016). Trata-se, portanto, de um movimento de convergência de aspectos outrora divergentes entre a pesquisa-ação e a observação participante. Como explica Santos (2023), os limites da observação participante estão impostos sob um paradigma dominante de ciência que insiste em excluir o aspecto vivencial e o engajamento com o vivido da pesquisa qualitativa.

Em seguida, discute-se a problematização da pesquisa-ação integrada a observação participante na abordagem da ação extensionista de dois projetos de educação não-escolar. Trata-se de dois campos de investigação localizados em municípios vizinhos na região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul.

3 - Vivências na extensão: pesquisar, observar, participar e intervir

Após a apresentação dos aspectos metodológicos centrais, bem como suas divergências e convergências, vale retomar os objetivos de problematizar as metodologias participativas para discutir a relação da pesquisa-ação e da observação-participante como metodologias na extensão universitária. Nesse sentido, são apresentados dois percursos de investigações interventivas desenvolvidas no nível de mestrado no campo da extensão universitária e articuladas ao grupo de pesquisa Estudos, pesquisas e práticas em Educação não Escolar na perspectiva da Educação Integral (CNPq).

Ambas as pesquisas se dedicam ao campo interdisciplinar com ênfase em espaços de educação não escolar. Com base em Pereira (2025, p. 6), busca-se a pesquisa prática e interventiva com interesse em “qualificar os processos educativos formais e não formais a partir de um processo praxiológico”. Nesse sentido, compreende-se tal qual a perspectiva freiriana de Pereira (2025, p. 6) que “[...] a educação como um processo de intervenção concretiza a existencialidade dos indivíduos”.

Na perspectiva da atuação, as propostas integram pesquisa, extensão e ensino, o projeto CEDUCA DH desenvolve ações junto ao Vale dos Sinos na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Tem-se por objetivo: promover experiências integradas por meio da Educação em Direitos Humanos com vistas à formalização de direitos individuais e coletivos.

Nessa lógica, as vivências dos campos mobilizam o desenvolvimento da presente proposta e a reflexão-ação que orienta o trabalho na extensão. Além do empreendimento no campo teórico, entende-se que o campo empírico provê elementos centrais para desenvolvimento da ciência socialmente relevante porque engajada com os processos comunitários. Nas duas subseções seguintes, apresentam-se duas investigações empíricas em mestrado interdisciplinar em Ciências Humanas que empenharam diálogo com as metodologias discutidas até o momento.

3.1 - Vivências Extensionistas no Projeto de Educação em Tempo Integral

A primeira vivência extensionista sob estudo ocorre junto ao projeto CEDUCA DH em parceria com uma escola da rede pública municipal de Novo Hamburgo localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre. A proposta envolve ensino e pesquisa desenvolve-se no turno oposto ao regular, junto ao projeto de educação em tempo integral que atende crianças e jovens adolescentes entre 6 e 14 anos.

O empreendimento de pesquisa na extensão tem sido desenvolvido desde o ano de 2024 pelo pesquisador bolsista da CAPES e mestrando no Programa de Pós-Graduação interdisciplinar em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Essa investigação parte do objetivo de entender as relações de crianças e jovens adolescentes migrantes internacionais com os processos educacionais. A pesquisa empírica se envolveu no acompanhamento semanal das atividades no projeto de educação em tempo integral, especialmente voltada às estratégias empreendidas pelos estudantes migrantes para integrar-se ao contexto escolar. Dessa forma, inúmeras entrevistas informais foram conduzidas enquanto se andava com os participantes.

Sendo assim, durante a fase exploratória, no primeiro ano, e, portanto, de intensa observação participante, a participação se revela como estratégia imprescindível à pesquisa prática. Nesse sentido, recorta-se da descrição do campo dois procedimentos que destacam as vivências participativas na investigação científica. Os eventos foram discutidos segundo a problematização das técnicas participativas exploradas no diário de campo e nas devolutivas periódicas. Busca-se a compreensão de que as ferramentas podem ser configuradas para promoção da prerrogativa participativa - anterior a formalização da ação educacional - em função da interatividade desses instrumentos em torno da qualificação da vida vivida.

Vale-se da concepção de Brandão (2006, p. 111), segundo a qual “[...] o pesquisador é partícipe e aprendiz comprometido no processo”. Justifica-se a atuação pela multiplicidade de técnicas e procedimentos em pesquisa-ação (Brandão, 2006) orientados à produção crítica e criativa de conhecimento que adquire função social (Peruzzo, 2017).

O investimento do pesquisador na participação no campo da extensão permitiu o desenvolvimento de sessões individuais e coletivas de leitura do diário de campo junto aos participantes. As sessões foram encaminhadas junto aos professores que atuavam diretamente no projeto de educação integral e junto aos docentes que atuam com estudantes migrantes. Tal proposição permitiu a validação das observações, interpretações e dados sistematizados, bem como aferir e registrar vivências observadas de forma divergente ou consensual na concepção dos sujeitos da pesquisa.

A partir da relação e ação pesquisador extensionista - pesquisador comunidade, pode-se “extrapolar os muros da universidade [...] e pisar no ‘chão’ das comunidades para compreendê-las e, ao mesmo tempo, colaborar para transformar a realidade com o auxílio do próprio processo de investigação” (Peruzzo, 2017, p. 181). Na mesma direção, Brandão (2006) qualifica um procedimento teórico-metodológico que suporte as vivências no desafio da coparticipação. O autor instiga:

Devo confiar nele [participante], [...] na qualidade de meu interlocutor, aquele que no dizer de si mesmo desenha para mim os cenários de vida e destino que pretendo conhecer e interpretar. Mas devo ir além, pois devo criar com ele e em seu nome [...] um contexto de trabalho a ser partilhado em pleno sentido, como processo de construção do saber e como produto de saber conhecido e posto em prática através de ações sociais de que ele é [...] o protagonista e, eu sou [...] o ator coadjuvante (Brandão, 2006, p. 46).

Outra possibilidade dessa prática de participação é levantar novas demandas comunitárias, complexificar a proposta de intervenção da pesquisa-ação, ou ainda, compor novos objetivos à ação extensionista, uma vez que se produz a partir da vivência do pesquisador coletivo, como pensam Zuany et al (2018). E, por isso, faz sentido enunciar um sujeito coletivo de vivências, o qual

[...] se ancora na inter-relação entre o pesquisador e a situação ou grupo estudado, e dessa relação depende a compreensão do “fenômeno” em sua essência, por intermédio das suas características, da teia de relações (processos) que o constitui e das estruturas que lhe dão forma e existência (Peruzzo, 2017, p. 181).

A composição da inter-relação é tema de interesse metodológico quando se recuperam vivências em pesquisas participantes. Já que essa forma de fazer pesquisa possibilita uma participação dialógica e produtora de sentido da problematização acerca da realidade social (Zuany *et al.*, 2018). Sendo assim, pretende-se, em oportunidade futura, desenvolver a mesma técnica com outros interagentes da pesquisa, como crianças estudantes e seus familiares.

A segunda técnica destacada desenvolveu-se por meio dos seminários de devolutivas. A ação de comunicação dos achados de maneira periódica e posterior ao término da pesquisa reforça o caráter dialético e praxiológico (Cladera, 2020; Pereira, 2025) da pesquisa-ação. Diante desse processo, tanto ocorre a partilha e validação do saber acumulado pelo pesquisador extensionista, quanto se estabelece a produção colaborativa e dinâmica do conhecimento. Trata-se de uma dinâmica de interaprendizagem, prevista por Zuany et al (2018), a qual o conhecimento já construído e em elaboração é realimentado.

O seminário como atividade da pesquisa foi conduzido pelo pesquisador com questões geradoras a partir de pequenos grupos. Inicialmente, as questões sobre identidades coletivas, territórios, equipamentos comunitários e diversidade cultural eram levantadas de maneira coletiva, em seguida, cada grupo trabalhava na produção de registros escritos e, principalmente, visuais. Após esse momento, cada grupo partilhava suas impressões com o demais na produção de sínteses. Nesses momentos, o registro do pesquisador superava a produção formalizada e localizava nas experiências e formas de comunicar os sentidos atribuídos aos participantes dentro de cada um dos grandes temas.

Desse modo, o processo de problematização-reflexão-ação (Brandão, 2006; Zuany *et al.*, 2018; Cladera, 2020) é tomado na coprodução de saberes que garante a valorização das vivências em seu potencial transformador. Essa dinâmica compartilhada já opera na medida que os participantes estão profundamente ancorados na realidade e a partir de sua relação com outros sujeitos e a estrutura social (Zuany *et al.*, 2018), reorientam a teoria-práxis empenhada na pesquisa-ação.

Ao longo do desenvolvimento da devolutiva na etapa parcial da pesquisa, o seminário promove a mediação de estratégias junto ao coletivo com possibilidade de: complexificar o processo de elaboração do problema, convocar novos agentes para refletir sobre a problemática, valorizar o compromisso e caminho assumido pelo grupo diante da problemática, assumir perspectivas consensuais entre o grupo, buscar novas reflexões entre perspectivas divergentes, provocar a mobilização em análises integrativas - da realidade local e estrutural -, promover dados para planejamento das ações, participar da coprodução da ação em diferentes níveis - intervenção direta e indireta com o público, como o acionamento de agentes corresponsáveis -conscientizar novos participantes dentro das etapas da ação, entre outras.

Dentre os procedimentos descritos, compreende-se o envolvimento da ação como forma de pesquisa (Brandão, 2006) e simultânea produção e aplicação dos saberes (Zuany *et al.*, 2018). Nesse sentido, Zuany *et al.* (2018) advertem que a participação, prevista como procedimento metodológico, necessita de intencionalidade e direcionamento.

Outra forma de participação a ser explorada refere-se ao uso do diário de campo como parte sistemática da construção de conhecimento colaborativo dos participantes. Nessa direção, considerando um debate sobre a proposta da ferramenta, elabora-se um registro individual pelos sujeitos da pesquisa acerca de suas vivências e implicações diante da problemática a ser resolvida. Trata-se de investir de modo a “transferir determinadas metodologias para atores não acadêmicos, ou a atores que estão à margem da academia e para quem podem ser úteis” (Zuany *et al.*, 2018, p. 166). Um esforço criativo para democratizar, ou mesmo descentralizar o poder, mapeando as tramas de sentidos do pesquisador coletivo.

Diante do exposto, verifica-se que as diferentes formas de engajamento na pesquisa participante são centrais no desenvolvimento da intervenção, já que, se orientada por uma epistemologia dialética, estabelece procedimentos para a participação direta nas etapas iniciais da investigação. A inscrição das vivências na problematização-reflexão-ação elaboradas por meio dos diários e seminários - técnicas comumente centralizadas no pesquisador - objetiva a problemática na dimensão da experiência vivida e dos sujeitos da experiência. Em síntese, a coletivização do caderno de campo e dos seminários de devolutivas constituem-se como instrumentos que facilitam a relação entre participantes e pesquisador na pesquisa-ação, ou seja, na produção da transformação social.

No entanto, deve-se prestar atenção aos limites das disposições sociais, mais ou menos flexíveis e voluntárias quando se aproxima do controle sobre o conteúdo, ou ainda censura sobre ele. Situação mediada como conflito, esperado no contexto da pesquisa-ação, do processo de colaboração na abertura do diário de campo do pesquisador e comunicação das devolutivas no seminário. Tais experiências têm, igualmente, a capacidade de influenciar a confiança no processo de construção da interatividade e colaboratividade do fazer pesquisa-ação.

Outro dilema ético se desenha na inscrição da autoria em uma pesquisa participativa, considerando os procedimentos monográficos da academia (Cladera, 2020). Há, portanto, que se elaborar, criativamente, alternativas que superam a produção científica vertical e enunciar os participantes como autores e autoras de um empreendimento compartilhado na circulação dos produtos.

Por fim, a participação direta reivindica a posição dos sujeitos como interagentes que compreendem as incompletudes, as possibilidades e os impasses no coletivo diante da problemática. É, por isso, que se confirma a hipótese de que, diante dos limites do real, os participantes refletem e propõem ações com base nas vivências, segundo as quais os extensionistas-pesquisadores assumem a posição de colaboradores.

3.2 - A Experiência da Observação Participante na Pesquisa-Ação como Instrumento de Aproximação com o Campo Empírico e os Sujeitos Participantes

A observação participante na perspectiva de Oliven (1980) diz respeito a uma prática antropológica. Para o autor, esse instrumento de pesquisa qualitativa se propõe a desvelar temáticas e contextos complexos, sobretudo, aqueles considerados como tabus. Fernandes e Moreira (2013), destacam a ação de observar participando como uma troca mútua entre pesquisador e sujeito participante, tornando ambos, em relação de respeito, autores do estudo.

A vista disso, as experiências que seguem, relatam as vivências proporcionadas por uma pesquisa-ação, em período de um mestrado acadêmico, construída e realizada em conjunto entre uma pesquisadora, bolsista CAPES, do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, o projeto de extensão CEDUCA DH voltado para a educação em Direitos Humanos e uma turma de jovens adolescentes, entre as idades de 12 a 16 anos, de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), localizada na cidade de São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre/RS.

A pesquisa de mestrado que dá fruto a essa subseção, possui como objetivo principal compreender os processos educativos em sua complexidade presentes no território e na organização da sociedade civil de interesse público, os quais implicam na proteção social de jovens adolescentes. Nesse sentido, por meio da escuta atenta dos sujeitos participantes e dos profissionais da Instituição, buscou-se pensar nas práticas realizadas nos projetos sociais, e como elas têm atuado mediante as vivências emergentes das juventudes que vivem em territórios socialmente vulnerabilizados.

Desenvolver uma pesquisa científica demanda tempo, e, principalmente, diferentes formas de pensar uma aproximação com as pessoas e com os territórios. Construir uma pesquisa-ação com jovens adolescentes, exige do pesquisador compreensão da cultura, olhar sensível e se despir de pré-julgamentos (Leiniger, 1995). Pesquisar com juventudes requer aproximação, laços de confiança e amorosidade, visto que o vínculo é a força motriz das relações juvenis.

A Instituição participante da pesquisa caracteriza-se para além de uma OSCIP, mas como um espaço de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Neste sentido, realiza o atendimento no seguinte caráter:

O SCFV possui caráter preventivo, protetivo e proativo frente a situações de vulnerabilidades e riscos sociais e relacionais que possam resultar em rompimento dos vínculos familiares e comunitários. É um dos serviços que materializam as seguranças socioassistenciais de acolhida e de convívio familiar e comunitário, além de estimular o desenvolvimento de autonomia, realizando um trabalho para a aquisição de competências pessoais e relacionais pelos participantes (Brasil, 2022, p. 14).

A pesquisa-ação desenvolvida na OSCIP atravessou diferentes momentos vivenciados pela Instituição, os quais mostraram os impactos causados pelos acontecimentos da vida cotidiana em seus processos educativos. Considerado o mais complexo, a cidade e o bairro onde se encontram a Instituição foram duramente afetados pelas enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, devastando as casas, instituições, comércios, espaços públicos, vínculos e relações presentes naquele território.

As vivências emergentes desse período atravessaram as rodas de discussão, visto que a realidade vivida pelos sujeitos não se distancia da pesquisa-ação e da observação participante. Ao passo que as demandas sociais tomaram novos rumos, as discussões, as formas de acolhimento e valorização dos saberes juvenis tiveram que ser repensadas.

Levando essas e outras vivências em questão, a observação participante por intermédio da escuta das miudezas da vida oportunizou momentos de sensibilização, que estiveram em busca de trazer à discussão o presente precário, apontado pelos sujeitos participantes, como formas de sobrevivência. Nesse viés, esta prática de observação participante dialoga com os escritos de Peruzzo (2017) e Triviños (1997), ao compreenderem a observação participante como um processo antropológico que busca conhecer comportamentos, religiões, culturas, relações com a mídia e estilos de vida de um grupo social, sobretudo, na relação e na troca.

Ao encontro do que afirma o autor Triviños (1997), as vivências nessa perspectiva metodológica possibilitam compreender e reconhecer aspectos da vida cotidiana que não podem ser quantificados. A partir dessa compreensão, a pesquisa aqui descrita, utilizou da observação para aproximar-se do público, de maneira longitudinal, conhecendo diferentes períodos vivenciados pela Instituição e a própria construção das personalidades e individualidades de cada jovem adolescente.

No que diz respeito ao vínculo do projeto de extensão CEDUCA DH com a pesquisa de mestrado e a Instituição, ele emergiu da necessidade de discutir a temática dos Direitos Humanos em um contexto socialmente vulnerabilizado, no qual a violação de direitos passou a ser naturalizada. A partir da prática de escuta nas rodas de discussão, é possível pensar em ações e práticas educativas com o objetivo de tornar os jovens adolescentes centro dos processos de garantia de direitos e promotores de uma real construção de uma cultura de paz, objetivo estabelecido igualmente pela Instituição.

Por fim, evidenciou-se a importância do período de aproximação com o campo empírico e os sujeitos participantes na pesquisa-ação, por meio da observação participante. Nesse sentido, compreende-se a realidade quando vivida na proximidade com o coletivo em consonância com um percurso crítico de construção de saberes da experiência e de transformação social.

Considerações finais

As metodologias qualitativas e participantes em pesquisa são identificadas epistemologicamente com a abordagem dialética da realidade social, portanto relacional e construtiva. Razão pela qual as vivências têm relevância teórico-prática na pesquisa empírica, por meio do ensino - como envolvimento na ação mediadora e pedagógica, especialmente nas atividades da extensão. A centralidade da vivência é negociada já que não interessa somente conhecer, entender, extrair o vivido, mas experimentá-lo, compartilhá-lo e transformá-lo na dinâmica de ação-investigação.

Na perspectiva epistemológica, verificou-se que há possibilidade de adição, mesmo que parcial e mediada, dos paradigmas hermenêutico-descritivo da observação participante e dialético-praxiológico na pesquisa-ação. Uma vez que o conhecimento elaborado supera a compreensão das vivências do grupo social estudado, mas permite a socialização e transformação das relações sociais ao longo da pesquisa.

No entanto, ambas se diferenciam quanto a caracterização da modalidade de participação e da intencionalidade na produção do conhecimento dos pesquisadores e interlocutores. Portanto, os papéis tradicionalmente atribuídos nas metodologias de pesquisa demandam diferentes formas de agência, mais ou menos relacionadas diretamente na elaboração da pesquisa.

Além disso, as metodologias participantes apresentadas são partilhadas por diferentes disciplinas acadêmicas que permitem situar tanto a pesquisa-ação quanto a observação como métodos oriundos das ciências sociais, que têm assumido caracterizações interdisciplinares. De tal maneira,

se fez dialogar com os campos da Sociologia, Antropologia e Educação para abordagem da pesquisa qualitativa diante das vivências na extensão. A opção por tal campo incide no reconhecimento da responsabilidade social dos programas de pós-graduação com a comunidade imediata.

Por isso, a valorização dos processos de interação e interlocução nos percursos na extensão favorece uma concepção em pesquisa qualitativa que refaz a relação de subordinação dos participantes. Desse modo, a produção de conhecimento a partir das vivências convoca os envolvidos diretos na realidade social a participarem ativamente e mobilizarem conhecimento e ação. O projeto integrado que abriga as investigações de mestrado sustenta o tripé da universidade brasileira e democratiza a atuação do ensino superior comunitário, uma vez que o conhecimento é produzido na lógica da transformação social.

A função social das investigações é validada pelo sujeito coletivo formado, que se implica, de forma autônoma, em aprender e participar diretamente para transformar as demandas emergentes. Desse modo, verifica-se que a interação entre pesquisadores, comunidade e instituição firma caminho para consolidação da proteção social e de construção de uma cultura de paz.

Nessa direção, as metodologias participativas foram imprescindíveis na aproximação dos pesquisadores, colaborando na produção dos dados, bem como na coprodução de conhecimento nas ações extensionistas. Dessa forma, a participação ativa dos coletivos nas duas vivências é ancorada no diálogo e na escuta sensível para produção de coautoria em potencial transformador. Então, reafirma-se o compromisso social das ações nos territórios, porque trata-se de demandas de crianças e jovens em contextos socialmente vulnerabilizados.

Assim, o sentido de democratização empregado na pesquisa participativa reforça a participação ativa dos envolvidos e, igualmente, a descentralização do saber. Há o reconhecimento de um esforço coletivo de construir conhecimento polifônico com a atuação crítica e participativa dos grupos sociais envolvidos. Por isso, vale a reflexão acerca do conhecimento que se pretende voltado ao ambiente acadêmico, e que não dialoga com os saberes de outras esferas. Parte-se, sobretudo, de uma concepção de ciência que integra dinamicamente saberes formais e informais em práticas sociais.

Logo, a adoção dessas modalidades participativas em pesquisa qualitativa representa igualmente um desafio e um compromisso ético com a extensão universitária. Converte-se em desafio porque com a complexificação dos agentes e sua atuação há dilemas que são colocados e necessitam ser negociados. Porém, entende-se que é um compromisso já que se reveste do fazer com que é proeminente nas vivências e ganha tônica na produção de ciência.

Referências

- BERRAQUERO-DÍAZ, Luis; MAYA-RODRÍGUEZ, Francisco; REYES, Francisco Javier Escalera. La colaboración como condición: la etnografía participativa como oportunidad para la acción. *Disparidades. Revista de Antropología*, v. 71, n. 1, p. 49–57, 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, [s. d.].
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação na pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 13–48.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2007.
- BRASIL. **Perguntas frequentes – SCFV 2022**. Brasília: MDS, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/suas/publicacoes/perguntas_frequentes_SCFV_2022.pdf. Acesso em: 25 mai. 2025.
- CLADERA, Jorge Luis. Epistemología recíproca: aportes para un diálogo entre la antropología social y la investigación acción participativa. **Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales**, v. 10, n. 1, p. 65, 2020.
- FERNANDES, Fernando Manuel Bessa; MOREIRA, Marcelo Rasga. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 511–529, 2013.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Ideação**, Feira de Santana, v. 10, n. 1, p. 41-62, 2010.
- GABARRÓN, Luís R.; LANDA, Libertad Hernández. O que é a pesquisa participante? In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 89–119.
- GREENWOOD, Davydd J. De la observación a la investigación-acción participativa: una visión crítica de las prácticas antropológicas. *Revista de Antropología Social*, Madrid, n. 9, p. 27–49, 2000.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. Sistematização das experiências: algumas apreciações. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 229–249.
- LEININGER, Madeleine. **Qualitative research methods in nursing**. Orlando: Grune & Stratton, 1995.
- MARTINS, João Batista. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 17, n. 3, p. 266–273, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- NETO, Otavio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. (orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MORAIS, Luiz Paulo Rigueira de; DE OLIVEIRA FRAGA, Brendow; LUIZ EMMENDOERFER, Magnus; CHAGAS DE ALMEIDA, Thiago. Etnografia e pesquisa-ação: características distintivas desses métodos qualitativos nas ciências sociais. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 12, n. 31, p. 294–311, 2024.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 1, n. 1, jun. 2006.

OLIVEN, Ruben George. Por uma antropologia em cidades brasileiras. In: VELHO, Gilberto (org.). **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 26–36.

PARODY, Viviana. Etnografia colaborativa, investigação-ação-participativa e participação radical em contextos de racialização. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 43, p. 195–222, jul./set. 2022.

PEREIRA, Antonio. A epistemologia da pesquisa interventiva em educação e seus reflexos na pesquisa-ação e pesquisa participante. **Educação Unisinos**, p. 1–20, 2025.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, v. XXIII, n. 3, p. 161–190, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas de Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008.

RODRIGUES BRANDÃO, Carlos. Participatory research and participation in research: a look between times and spaces from Latin America. **International Journal of Action Research**, v. 1, n. 1, p. 43–68, 2005.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática × revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v–vi, 2007.

SANTOS, Juliette Scarlet Galvão Aires. Encontros da antropologia com a educação: etnografia e investigação-ação participativa como ferramentas de investigação social. **Anais da XIV Reunião de Antropologia do Mercosul**, 2023.

SILVA, Hélio Raymundo Santos. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 32, jul.- dez. 2009.

STRECK, Danilo Romeu. Pesquisa é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 263–281.

THIOLLENT, Michel. A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (orgs.). **Pesquisa participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 151–166.

THIOLLENT, Michel. Action Research and Participatory Research: an overview. **International Journal of Action Research**, Augsburg, v. 7, n. 2, p. 160–174, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2022.

THIOLLENT, Michel; OLIVEIRA, Lídia. Participação, cooperação, colaboração na relação dos dispositivos de investigação com a esfera da ação sob a perspectiva da pesquisa-ação. **Atas – Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, v. 3, p. 357–366, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

YÁÑEZ, Pablo Paño. Etnografías críticas de acción participativa. La confluencia de la etnografía y las metodologías de investigación acción participativa. In: YÁÑEZ, Pablo Paño *et al.* (orgs.). **Metodologías participativas en tiempos de crisis: reflexiones epistemológicas y experiencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2023.

ZUANY, Rosa Guadalupe Mendoza; DIETZ, Gunther; FRENK, Gerardo Alatorre. Etnografía e investigación ação en la investigación educativa: convergencias, límites y retos. **Revista Interamericana de Educación de Adultos**, v. 40, n. 1, p. 152–169, 2018.